



ESTADOS UNIDOS

Joe Biden quer mais quatro anos no poder

Em vídeo divulgado no Twitter, presidente confirma candidatura à reeleição, em 7 de novembro de 2024, promete "terminar o trabalho" e cita risco às liberdades e aos direitos individuais. Republicanos reagem e associam democrata à baderna

» RODRIGO CRAVEIRO

A expectativa tornou-se realidade logo às 6h (7h em Brasília), quando Joe Biden publicou um vídeo em seu perfil no Twitter. Era o anúncio de que o presidente dos Estados Unidos tentará a reeleição, em 7 de novembro de 2024. A peça de campanha começou com imagens da cúpula do Capitólio tomada pela fumaça e da multidão de simpatizantes do magnata republicano Donald Trump invadindo a sede do Poder Legislativo.

"Liberdade. A liberdade pessoal é algo fundamental para o que somos como americanos. Não há nada mais importante e mais sagrado", afirma Biden, segundo o qual a luta pela democracia comandou o seu trabalho no primeiro mandato. Em 3 minutos e 4 segundos, Biden tentou convencer os norte-americanos de que os direitos fundamentais estão em xeque, ameaçados pelos seguidores de Trump.

"Quando me candidatei à Presidência há quatro anos, disse que estávamos em uma batalha pela alma dos Estados Unidos, e ainda estamos. A questão que enfrentamos é se nos próximos anos teremos mais liberdade ou menos liberdade. Mais direitos ou menos. Eu sei o que quero que seja a resposta e acho que você também. Este não é um momento para ser complacente. Por isso estou concorrendo à reeleição", declarou Biden, 80 anos — o presidente mais longevo da história dos EUA. Caso conquiste o segundo mandato, o democrata terá 86 ao deixar a Casa Branca, em janeiro de 2029.

"Vamos terminar o trabalho", pediu aos eleitores. Ele acusou os republicanos de planejarem "reduzir impostos dos super-ricos, impor decisões às mulheres sobre sua saúde, proibir livros, e dizer às pessoas quem podem amar, ou dificultar seu voto".

Também ontem, Biden nomeou a latino-americana Julie Chávez Rodríguez, 45 anos, como gerente de campanha. Julie é neta do líder

Alex Brandon/AFP - 20/1/21



Joe Biden e a primeira-dama Jill acenam ao chegarem ao Pórtico Norte da Casa Branca, no primeiro dia de mandato, em 20 de janeiro de 2021

Trechos / Liberdade ou caos

Veja as principais frases de Biden no vídeo publicado às 6h de ontem nas redes sociais

"Liberdade. A liberdade pessoal é algo fundamental para o que somos como americanos. Não há nada mais importante e mais sagrado."

"Esse tem sido meu trabalho durante o primeiro mandato: lutar pela nossa democracia."

"Ao redor do país,

extremistas MAGA (acrônimo do lema trumpista 'Make America Great Again'), estão se alinhando para tomar essas liberdades fundamentais."

"Quando me candidatei à Presidência há quatro anos, disse que estávamos em uma batalha pela alma dos Estados Unidos, e ainda estamos."

"A questão que enfrentamos é se nos próximos anos teremos mais liberdade ou menos

liberdade. Mais direitos ou menos. Eu sei o que quero que seja a resposta e acho que você também. Este não é um momento para ser complacente. Por isso estou concorrendo à reeleição."

"Cada geração de americanos enfrentou um momento em que teve que defender a democracia. Defenda nossas liberdades pessoais. Defenda o direito de voto e nossos direitos civis. Este é o nosso momento."

Campanha Presidencial de Biden-Harris/AFP



sindical e ativista dos direitos civis de origem mexicana César Chávez. No início da tarde, em discurso durante a Conferência Legislativa das Uniões Sindicais dos Construtores, em Washington, Biden

assegurou que o plano econômico apresentado por seu governo está funcionando e aproveitou para atacar Trump, seu potencial adversário em 2024. "Sob meu antecessor, a Semana da Infraestrutura

era uma piada. Sob minha supervisão, estamos fazendo da Década da Infraestrutura uma manchete", declarou.

O ex-presidente Barack Obama, de quem Biden foi vice,

celebrou o anúncio do colega de partido e amigo. "Orgulho por tudo o que Joe Biden e seu governo realizaram nesses últimos anos. Ele se entregou para o povo norte-americano — e continuará a

fazê-lo, assim que for reeleito", afirmou, por meio do Twitter. Minutos depois de Biden publicar o vídeo, sua vice, Kamala Harris, compartilhou o material e comentou: "Enquanto americanos, nós acreditamos na liberdade — e acreditamos que nossa democracia será tão forte quanto nossa vontade de luta por ela. É por isso que eu e Biden estamos disputando a reeleição".

Em retaliação ao anúncio da candidatura do democrata, os republicanos utilizaram outro vídeo para alertar sobre o suposto caos, sob a hipótese de vitória de Biden: bombas sobre Taiwan, avalanche de imigrantes na fronteira com o México e saques generalizados no comércio.

Previsão

Historiador político da American University, em Nova York, Allan Lichtman desenvolveu um sistema de previsão para determinar o resultado das eleições norte-americanas — conhecido como *Keys to the White House* (*Chaves para a Casa Branca*) — que acertou todos os prognósticos entre 1984 e 2020, incluindo a vitória de Trump, em 2016.

"Biden é a melhor aposta para a vitória democrata, de acordo com esse método. O sistema é composto de 13 perguntas falsas e 13 verdadeiras, que investigam a força e o desempenho do partido que detém o poder. Se seis ou mais chaves são falsas, o partido no governo é um perdedor previsto; caso contrário, espera-se que vença. Se Biden disputar novamente, os democratas garantem duas chaves e precisariam de mais seis chaves negativas para perderem a eleição", explicou.

De acordo com Lichtman, o partido no comando da Casa Branca tem sido derrotado em quase todas as eleições em que havia uma disputa interna pela nomeação, ao longo do último século. "Ainda não estou pronto para fazer uma previsão, exceto notar que Biden dá aos democratas sua melhor chance de uma vitória", comentou.

SUDÃO

Combates ameaçam o cessar-fogo de 72 horas

Em vigor oficialmente desde ontem, um cessar-fogo de 72 horas entre os dois generais que disputam o poder no Sudão esbarra na fragilidade. O grupo paramilitar Forças de Apoio Rápido (FAR), comandado pelo general Mohamed Hamdan Daglo (ou "Pequeno Mohammed"), acusou o Exército sudanês, liderado pelo general Abdel Fattah Al-Burhan, de violar a trégua. Disparos e bombardeios foram ouvidos em Cartum e em Omdurman, segundo relataram agências internacionais de notícias.

Em 11 dias de combates, cerca de 450 pessoas foram mortas. "O cessar-fogo não tem vigorado. Hoje (ontem), por volta do meio-dia, uma bomba atingiu um centro médico em Omdurman e deixou dez feridos. Também há ataques em outros locais", contou ao **Correio** a gerente de projetos Hind Mohamed, 34 anos, que fugiu de Cartum para Wad Madani,

195km ao sul da capital, na última sexta-feira. "A situação em Cartum só piora. Centenas de pessoas saíram da cidade e muitas outras tentam escapar."

As Forças da Liberdade e Mudança, principal bloco civil que os dois generais em conflito expulsaram do poder em um golpe de Estado em 2021, expressaram a confiança de que a pausa nas hostilidades permitirá um "diálogo sobre as modalidades de um cessar-fogo permanente".

O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, havia alertado na segunda-feira que a guerra deixou o Sudão "à beira do precipício". A disputa entre Burhan e Daglo, que se aliaram para derubar os civis do poder, foi provocada pelos planos de integrar as FAR ao Exército oficial.

Vídeos publicados na internet — que não tiveram a autenticidade comprovada — mostram

Amer Hilabi/AFP



Soldado saudita carrega criança resgatada do Sudão por navio, em Jidá

o cenário de violência e ataques dos últimos dias: estabelecimentos comerciais incendiados, imóveis destruídos e civis perambulando entre os escombros ainda em chamas. Antes do cessar-fogo, várias nações conseguiram

negociar com os dois lados beligerantes a retirada de funcionários diplomáticos e de cidadãos de seus países. Mais de mil cidadãos da União Europeia deixaram o Sudão. China, Estados Unidos, Japão, Reino Unido e vários

países árabes também anunciaram a retirada de centenas de pessoas. A Agência da ONU para os Refugiados calcula que até 270 mil pessoas podem fugir para o Chade e o Sudão do Sul.

As pessoas que não conseguiram fugir do fogo cruzado tentam sobreviver sem o fornecimento de água ou energia elétrica, escassez de alimentos e cortes de internet e das linhas telefônicas. "A medida que os estrangeiros fogem — os que conseguem —, o impacto da violência em uma situação humanitária já crítica no Sudão é agravado", alertou a ONU. Bloqueadas no fogo cruzado, as agências das Nações Unidas e outras organizações humanitárias suspenderam as atividades no país.

Cinco trabalhadores humanitários — quatro deles da ONU — morreram e, de acordo com o sindicato dos médicos, quase 75% dos hospitais do país estão fora de serviço. Na segunda-feira

à noite, cerca de 200 pessoas de mais de 14 nações desembarcaram de um navio na cidade costeira de Jidá, na Arábia Saudita. Entre as pessoas que fugiram do Sudão estavam idosos em cadeiras de rodas e bebês carregados pelos pais.

Risco biológico

A Organização Mundial da Saúde (OMS) fez um alerta para riscos biológicos "elevados" no Sudão após a ocupação de um laboratório nacional de saúde. "Este laboratório de saúde pública está ocupado por um dos lados beligerantes e representa um risco biológico muito elevado", declarou a representante da OMS no Sudão, a doutora Nima Saeed Abid, em entrevista coletiva por videoconferência em Genebra. Ela acrescentou que o local possui amostras com patógenos de sarampo, cólera e poliomielite.